

Leituras Libertárias

Balanço de um ensino básico no Serviço Social da Indústria – parte I

Giu

Do pouco tempo que estudei em escola pública, minhas principais recordações são uma professorinha de cabelo branco que ensinou a gente se dar shallon todo começo de aula, eu sempre pegando piolho, o macarrão da merenda e uma menina que implicava comigo, além de eu sempre ter sido a ‘nerd’ queridinha dos professores – talvez porque eu tivesse uma facilidade de aprendizagem e em casa ‘recursos educativos’ fossem acessíveis, como programas de televisão infantis, pessoas dispostas e com tempo para conversar comigo, me ajudar com tarefas, esse tipo de coisa.

Por essa facilidade, a penitência foi atenuada para mim, mesmo eu não percebendo na época, mas, ao contrário do que indicam as recordações problemáticas acima, eu entenderia dali a uns anos que toda a minha experiência escolar não seria diferente e que o problema com o qual eu começava a me deparar não se devia ao fato de a instituição ser ‘pública’, fazendo com que a crítica caia então na administração ruim desse ou daquele governo, como se as instituições privadas fossem melhores.

Eu aprenderia que o problema está na instituição educacional em si. E como diria Ferrer: “Não farei aqui o processo dessa organização, suficientemente conhecida para que possa caracterizar-se com uma única palavra: violência. A escola sujeita as crianças física, intelectual e moralmente para dirigir o desenvolvimento de suas faculdades no sentido que deseja, e lhes priva do contato da natureza para modelar-lhes à sua maneira.”

Agora, se tratando propriamente do serviço do qual ‘usufruí’ por mais tempo, foi em 2005 que ingressei, por meio de sorteio, numa unidade de nível médio: nem tão

precária, nem tão ‘menina dos olhos’ da rede. Estive sempre do lado privilegiado por ter boas notas e bom comportamento, então no quesito educacional não tenho muitas recordações, pois acho que as ruins, os traumas, é que pesam mais na memória. Com essa conduta, eu era desculpada nos atrasos e podia entrar na sala, eu acabava os exercícios e podia sair bem mais vezes para ir ao banheiro e beber água, eu tinha que marcar na lousa o nome de quem ‘levantasse e fizesse bagunça’ enquanto a professora não estava, eu era representante de classe, entre outras coisas que depois fui me dando conta, principalmente num momento posterior, quando passei a não mais integrar o grupo dos comportados.

Embora eu fosse educada e obediente, porque via razão de ser, numa atividade minha da 3ª série, eu escrevi que meu sonho era mudar o mundo, partindo da ecologia e sustentabilidade, pois estavam acontecendo várias campanhas com as turmas do meu ano para economizar água, então eu era questionadora por sonhar com um mundo melhor, já que logo se via que ele estava um caos e a gente precisava fazer alguma coisa se quisesse mudanças, mas eu comprava a ideia da Sabesp de que cada um tinha que fazer sua parte. Sonhadora sem ser crítica – querendo conhecer a subprefeitura do meu bairro –, achava horrível que os alunos não conseguissem se respeitar, tivessem que desenvolver toda

uma pose para ‘prevalecer’, impondo a própria voz, e na minha cabeça a culpa era toda deles, não tinha nem porque ser de outro modo, enfim... O que eu não via era os problemas de aprendizado que eles tinham, não entendia se um professor era bom ou ruim, achava todo mundo legal, era sociável – mesmo tendo gente que não gostava de mim por eu não ‘passar cola’ nem emprestar trabalhos –, eu seguia bastante a meritocracia e nunca tinha me passado pela cabeça algo como evasão escolar, por exemplo. Era uma realidade posta ali e eu podia até não querer ver uma aula ou outra, mas, ao contrário de mim, muita gente odiava a escola, na 1ª, 2ª, 3ª série.

Depois de um tempo na escola, qualquer inocência vai embora e, hoje, acho espantoso como a capacidade de entender das crianças é subestimada. Na segunda série, em rodinhas de intervalo, já falávamos, mesmo que tudo errado, de putaria e sadismo, coisas que o ‘verdade ou desafio’ trazia e a gente não deixava ficar omissos. Pena que esses assuntos nunca eram problematizados pela instituição tão responsável por nos formar como gente pensante e acabávamos tirando conclusões bem erradas, isto é, apenas reproduzindo um mundo machista, misógino, homofóbico, etc. Na nossa unidade do serviço social da indústria, tínhamos acesso a lazer e cultura por meio de quadras e biblioteca medianas, metas de leitura, feira de ci-

ências, saídas, outros projetos interdisciplinares, mas era um lazer e uma cultura específicos. Foram-nos proporcionados alguns meios: aprendi a ler, a escrever, interpretar, calcular, mas sei que muitos não, e isso nem garante uma formação crítica.

Para essa, não creio que tenha uma cartilha pronta, mas entendo que com certeza ela deve considerar mais o interesse daqueles que aprendem. É preciso, antes mesmo, desconstruir essa ideia de professor-fonte-do-saber e aluno-vegetativo, como se o que acontecesse não fosse uma troca e as pessoas não tivessem conhecimentos diferentes para compartilhar. Na disciplina de artes, por exemplo, eu tive vários professores, é difícil um ficar muito tempo – outra questão problemática na rede de ensino... – e me deparei com alguns bem autoritários, que seguiam um padrão de belo e davam nota para quem seguisse também. Se você não conseguia, era burro e desatento. Nosso adestramento, que gostam de chamar de educação, segue com os absurdos e parte para o prêmio e castigo: os simulados e os primeiros colocados ganhando medalhas escancaravam isso. Ao contrário da ‘banca’, eu achava meu rendimento normal, se as outras pessoas não acertavam tanto, elas não deviam ser martirizadas por isso, era só uma prova objetiva. Que bom que eu já via indícios da desimportância daqueles xizinhos.

Quando cheguei à 5ª série, achei que

seria um pouco mais difícil de acompanhar, que as pessoas levariam a coisa mais a sério. Eu desenvolveria esse conceito de seriedade de forma bem diferente no futuro, vulgo ‘me desiludiria’. Odiava estudar de manhã, mas passei a fazer cursos extracurriculares gratuitos no contra turno nos arredores de casa e da escola e não parei mais, minha bagagem cultural só crescia, pois minha mãe adorava levar a gente no circo, no teatro, em shows e no cinema. Também já pegava ônibus sozinha há um tempo e fui adquirindo certa independência. As premiações dos simulados continuavam, mas eu já tinha levado o choque de tirar uma nota baixa e não ficar sem fazer nada na aula destinada para a recuperação. E apesar de eu ser chamada na diretoria apenas por causa de boleto atrasado, uma sutil mudança comportamental já ia acontecendo.

Em 2010, fomos transferidos para outra unidade, agora sim a menina dos olhos da rede, uma bem maior e mais equipada que a nossa: com quadra de areia para jogar tênis, piscinas, aulas de informática, turmas de vôlei, de polo aquático, um centro cultural, aulas de teatro, uma biblioteca bem mais acessível, laboratórios, etc. ‘Os favelados chegaram’, mas também veríamos que toda a estrutura maravilhosa não era bem assim e as reformas não pararam mais... Às vezes, tínhamos aula com a sala toda empoeirada a barulho de furadeira, sem

contar quando era realizado campeonato de polo ou vôlei e ficávamos ensurdecidos com a música de balada nos intervalos ou da narração do apresentador.

Nessa minha sétima série, dormi muito pouco e fiquei estressada. Houve uma carga muito grande de trabalhos e eu me matava para fazer as coisas com qualidade impecável. Era muito cobrada por causa da minha ‘fama’, mas eu ia perdendo o estigma de perfeição e isso foi causando problemas com os professores. Particpei de um projeto pioneiro de curta-metragem digital da rede e isso era um refúgio. Foi aí que descobri o interesse por cinema, mas desde lá não gostava do viés fragmentado do trabalho – e isso se potencializaria no GECA, o Grupo de Estudos de Cinema e Anarquia da Biblioteca Terra Livre. Aliás, minha relação com ela (esta) começaria no ano seguinte, oitava série, quando eu já não aguentava mais ir para a escola e só pensava em sair, ou que acabasse logo e começasse o Ensino Médio, talvez as coisas fossem levadas a sério por lá...

O ano de 2011 seria decisivo justamente porque eu ia conhecer professores bem diferentes, eles me fariam refletir, enxergar algumas coisas, além de desenvolver vários projetos pedagógicos legais, como viagens de campo de um dia para Santos e Paranapiacaba Tam-

bém fiquei próxima de algumas pessoas que estavam compondo o grêmio, no Médio, mas nessa época eu não sabia, o que eu sabia era da propaganda deles para gente boicotar ao saresp. Fuçando nas redes sociais e em perfis dessa galera, alunos e professores, acabei sendo apresentada indiretamente a ideias anarquistas e à Biblioteca, e não parei mais de frequentar.

Ufa, tinha passado aquele ano, a convenção social ‘formatura’ e a seleção para o ‘Primeiro Ano’ – que tinha sempre menos vagas do que a 8ª série, então muita gente precisava sair e geralmente ia para escola pública, porque qualquer outra escola de rede privada propriamente seria bem mais caro do que o serviço social que a indústria presta à sociedade. Com a possibilidade de ficar ou ir para escolas técnicas, como amigos meus, decidi ficar pelos alguns professores que me dariam aula. O problema está na instituição, seja estatal ou privada, mas o sistema oferece brechas e quem faz a sala são as pessoas dentro dela. Eu sentia que tinha muita coisa errada, queria estar ali para tentar mudar algo e sabia que aqueles docentes instigariam essa atitude. Foi uma boa escolha, pois as mudanças comportamentais já não estavam mais tão sutis assim: eu começava a fazer barulho.

Giu, na oitava série um professor a apresentou ao anarquismo e à Biblioteca Terra Livre e ela vem militando desde então. Se interessa por cinema e vai começar a cursar o ensino superior na área.